

A CASA DE MADEIRA NA VILA OPERÁRIA EM MARINGÁ

Lugar de memória

Aline Beatrís Skowronski da Silva

IFPR | aline.skowronski@ifpr.edu.br

Ricardo Dias Silva

UEM | rdsilva@uem.br

EIXO TEMÁTICO: (3) História, Memória e Patrimônio

Resumo: A moradia de madeira é um artefato visível no bairro da Vila Operária em Maringá/PR que integra o plano piloto traçado para a cidade nos anos 1940. Nos percursos que se realizam na cidade, surgem em meio a diferentes tipologias, revelando as camadas do tempo em uma cidade nova. Menos visível está como pauta das conversas com moradores, que só a colocam em evidência quando questionados sobre a relação que adquiriram ao longo de sua vida, valorizando sua morada. Seu desprezo e sua trajetória marcada por estigmas ainda atuam no seu apagamento. Mas ao valorizar esse contexto de intertextualidade, de tempos condensados no espaço, a casa de madeira tem o poder inconsciente de antecipar nossos próprios pensamentos para com ela, destacando-se e mantendo-se como presença referencial no cotidiano. Ao ser vinculada ao habitar, essa arquitetura ultrapassa as ideologias dominantes, e aproxima o habitante à moradia, atribuindo-lhe valores do afeto e da memória que fortalecem sua presença em meio às disputas por espaços em transformação. Ela permite ainda que a memória seja vivida, experienciada, na cidade reconhecida como bem cultural. Ao ser entendida como fruto da ação e das relações dos grupos sociais com o espaço e com a própria história da cidade torna-se então portadora de significados individuais e coletivos e se organiza como lugar de memória, expressão representativa que resiste aos imperativos de modernização. E é no uso cotidiano desse lugar que o habitante, ao mesmo tempo, reconstrói suas memórias e pode refletir sobre sua presença e sobre seu passado, onde se conecta com sua comunidade. Assim, esse é um convite para escutar o que resta, recuperando o que um dia já foi, e reconhecer nas construções que desafiam o tempo as memórias que as mantêm vivas no cotidiano e ativas no interior do bairro.

Palavras-chave: casa de madeira, Maringá, apagamentos, memória, lugar de memória

THE WOODEN HOUSE IN VILA OPERÁRIA, MARINGÁ - PLACE OF MEMORY

Abstract: The wooden dwelling is a visible artifact in the neighborhood of Vila Operária, in Maringá, and are include in the pilot plan designed for the city in the 1940s. Along the routes that unfold throughout the city, these houses appear amid different building typologies, revealing layers of time within a young city. Less visible, however, is their presence as a topic in conversations with residents, who only bring them to the forefront when questioned about the

relationship they have developed over the course of their lives, valuing their homes. Disregard for these dwellings and a history marked by stigma still contribute to their erasure. Yet, by valuing this context of intertextuality—of times condensed within space—the wooden house has the unconscious power to anticipate our own thoughts about it, standing out and remaining as a referential presence in everyday life. When linked to the act of dwelling, this architecture transcends dominant ideologies and brings inhabitants closer to their homes, attributing to them values of affection and memory that strengthen their presence amid disputes over transforming spaces. It also allows memory to be lived and experienced in the city, recognized as a cultural asset. When understood as the result of the actions and relationships of social groups with space and with the city's own history, it becomes a bearer of individual and collective meanings and is organized as a place of memory—an expressive representation that resists the imperatives of modernization. And it is in the everyday use of this place that inhabitants simultaneously reconstruct their memories and reflect on their presence and their past, connecting with their community. Thus, this is an invitation to listen to what remains, to recover what once was, and to recognize in constructions that challenge time the memories that keep them alive in daily life and active within the neighborhood.

Keywords: Wooden house, Maringá, urban erasures, memory, places of memory.

TÍTULO EN ESPAÑOL

Resumen: La vivienda de madera es un artefacto visible en el barrio de Vila Operária, en Maringá, que integra el plan piloto trazado para la ciudad en la década de 1940. En los recorridos que se realizan por la ciudad, aparece entre diferentes tipologías, revelando capas del tiempo en una ciudad joven. Menos visible es su presencia como tema en las conversaciones con los habitantes, quienes solo la ponen en evidencia cuando se les pregunta por la relación que han construido a lo largo de su vida, valorando su morada. Su menosprecio y una trayectoria marcada por estigmas aún actúan en su borramiento. Sin embargo, al valorar este contexto de intertextualidad, de tiempos condensados en el espacio, la casa de madera tiene el poder inconsciente de anticipar nuestros propios pensamientos hacia ella, destacándose y manteniéndose como una presencia referencial en la vida cotidiana. Al vincularse al habitar, esta arquitectura trasciende las ideologías dominantes y acerca al habitante a la vivienda, atribuyéndole valores de afecto y memoria que fortalecen su presencia en medio de las disputas por espacios en transformación. Asimismo, permite que la memoria sea vivida y experimentada en la ciudad, reconocida como un bien cultural. Al ser entendida como fruto de la acción y de las relaciones de los grupos sociales con el espacio y con la propia historia de la ciudad, se convierte entonces en portadora de significados individuales y colectivos y se organiza como un lugar de memoria, una expresión representativa que resiste a los imperativos de la modernización. Y es en el uso cotidiano de este lugar donde el habitante, al mismo tiempo, reconstruye sus memorias y puede reflexionar sobre su presencia y su pasado, conectándose con su comunidad. Así, esta es una invitación a escuchar lo que permanece, a recuperar lo que un día fue, y a reconocer en las construcciones que desafían el tiempo las memorias que las mantienen vivas en la cotidianidad y activas en el interior del barrio.

Palabras clave: casa de madera, Maringá, borramientos urbanos, memoria, lugar de memoria.

1. ARQUITETURA EM MADEIRA NA VILA OPERÁRIA

A Vila Operária é um bairro assim nomeado pelo Engenheiro Jorge de Macedo Vieira ao propor um plano urbanístico para a cidade de Maringá nos anos de 1940. Nesse mesmo período, uma clareira na floresta nativa ia se configurando, marcando o território onde seria implantada a cidade. O plano piloto tinha como foco atender as expectativas da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) que buscava consolidar uma cidade moderna dentro do projeto de ocupação do Norte do estado, empreendido desde os anos 1920. A paisagem pela qual ficou conhecida a cidade de Maringá nos anos 1940 (figura 1) revela um território previamente vernacular, tomado pelas toras das árvores retiradas da mata que logo se transformaram em singelas edificações destinadas à moradia, comércio, igreja e instituições públicas. A atividade das serrarias e dos carpinteiros foi dando forma a uma cidade de madeira que surgia no norte paranaense. Essa paisagem esteve longe do que vinha sendo construído como ideal de cidade a partir dos discursos dos colonizadores, que vislumbravam civilização e progresso para a terra roxa que ali despontava (SILVA; SILVA, 2024).

Figura 1 - Paisagem de Maringá nos anos 1940



Troncos ao chão no início da implantação do Maringá Novo, em fins dos anos 1940. Fonte: Acervo Maringá Histórica, acesso online.

O projeto do engenheiro Jorge de Macedo reforça, de certo modo, a compartimentação e a divisão social da cidade, atribuindo importâncias relativas às diferentes zonas, além de especificidades como largura de ruas, tamanho de lotes e espaços destinados ao descanso e lazer (figura 2). Além do distinto projeto urbanístico, esse bairro passou a receber uma diversidade de manifestações de arquitetura em madeira, com o uso principalmente da peroba-rosa (*Aspidosperma polyneuron*), espécie nativa da região.

Figura 2 - Bairro da Vila Operária em 1953.



Legenda: à esquerda da Av. Brasil fica o bairro da Vila Operária, que tem como fundo a paisagem do Parque do Ingá.
Foto - Kenji Ueta / Foto Maringá / Acervo Maringá Histórica

As ruas Neo Alves e Santos Dumont foram as primeiras a serem ocupadas pelas edificações em madeira, em lotes de 600 m². Mas ocupação efetiva da Vila Operária só aconteceu após 1947, quando os primeiros compradores registrados pela CMNP adquiriram 309 lotes. Entre 1947 e 1951 a venda de lotes chegou a 1.099, cerca de 76% do total oferecido para venda desde o loteamento inicial. Nesse mesmo período, 250 projetos foram aprovados na Prefeitura, e ao final dos anos 1960, dos 721 projetos já aprovados, 90% eram em madeira (MARINGÁ, 2002). Ainda assim, uma grande parte da população que migrava para a cidade não teve acesso a esses terrenos de 600m² ofertados pela Companhia, dirigindo-se a espaços fora da área delimitada pelo plano do engenheiro¹. Esse movimento já apresentava indícios de quão valiosa poderia vir a ser a terra disponível, atendendo às necessidades do mercado e às aspirações dos gestores e agentes que desde aquele período planejavam, incessantemente, a Maringá do futuro.

O bairro que vinha sendo construído em madeira recebeu durante os anos 1960 comércios locais como a Casa Paraná e o Bazar A Econômica, que fortalecem ainda hoje o imaginário da população sobre a história da Vila Operária. As primeiras edificações também deram conta de atender o bairro em serviços, como a casa em madeira onde foi instalada a Oficina Mecânica São Miguel (Figura 3).

¹ A tese de doutorado de Layane Nunes (2016) apresenta os loteamentos que surgiram concomitantemente à implantação do projeto e venda de lotes em Maringá, demonstrando a ocupação para além do plano em lotes menores e de mais fácil acesso para a população com poder aquisitivo menor.

Figura 3 - Oficina mecânica São Miguel



Edificação em madeira localizada na Rua Santos Dumont, cujo proprietário é antigo funcionário da Companhia Melhoramentos. Fonte: Contribuição de Ivete Mora / Acervo Maringá Histórica

Mas em 2024, as edificações que resistem à demolição efetiva que resulta da atuação do mercado imobiliário têm histórias de vida por trás da tábuas de peroba que reforçam aquelas forças imprescindíveis na disputa entre reconhecer e esquecer. A Vila Operária representa hoje um local onde se entrelaçam estruturas permanentes e dinâmicas, como a relação entre formas arquitetônicas, diferentes padrões locais e a infraestrutura urbana proposta pelo projeto moderno dos anos 1940. E onde se mesclam interesses, conflitos e disputas simbólicas, que moldam continuamente o ambiente urbano onde um esquecimento ordenado tem promovido a destruição do que, no discurso dominante, não é representativo de uma cultura.

5

3. PERMANÊNCIAS E APAGAMENTOS

Palco de manifestações políticas, de festas religiosas, de competições de futebol acirradas (inclusive por contar com um time local), de mercearias portuguesas, de cinemas que configuram pontos de encontro, de feiras livres e de inúmeros prestadores de serviços que ali "conquistaram cidadania histórica": barbeiros, sapateiros, relojoeiros, açougueiros etc. (MARINGÁ, 2002, p. 82), o bairro passa hoje por transformações que tornam mais evidente seu potencial de comunidade. Edificações que permanecem marcam o contraste com os edifícios que vem ocupando os espaços da arquitetura em madeira demolida e isso pode ser percebido, a priori, por duas imagens. Uma foto aérea, datada dos anos 1980 e uma simulação em um programa computacional, elaborada com base nos dados coletados no bairro em 2024 (figuras 4 e 5).

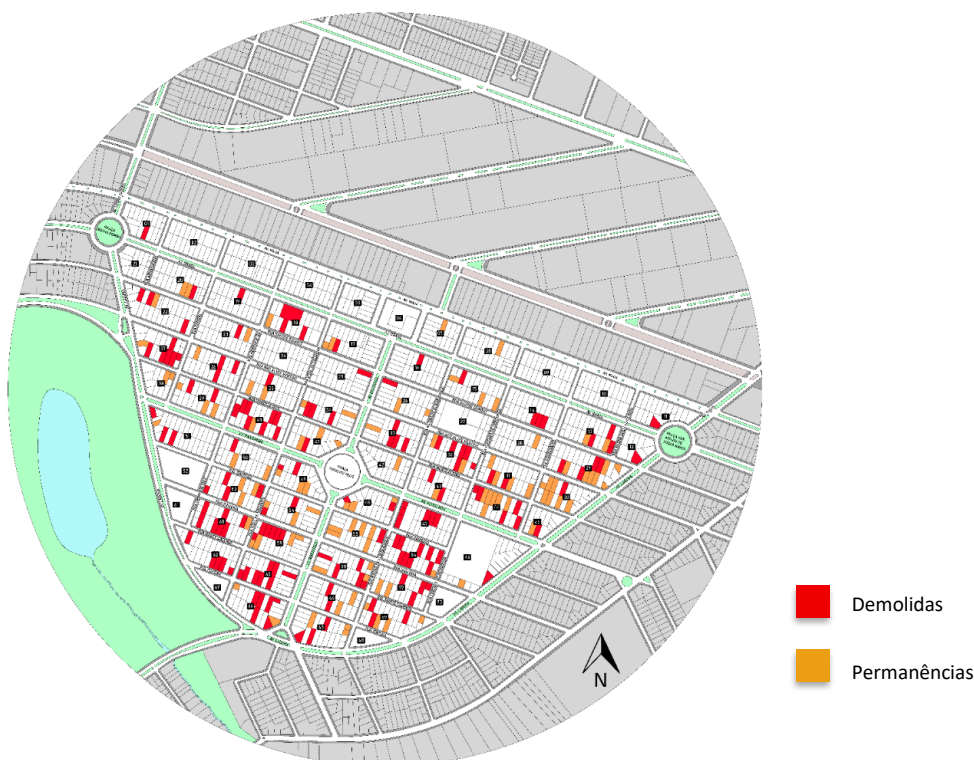
Figura 4 e 5 - Foto aérea da Vila Operária (1983) e Simulação da Verticalização (2023)



Imagem aérea a partir do centro da cidade em direção ao leste e representação computacional utilizando o mesmo ponto de vista. Fonte: SILVA, 2025.

Para convalidar tais informações, os levantamentos das edificações em madeira realizados nos anos de 2015 e 2024 (figura 6) tornam evidente que a perda de referencial está se refletindo em uma desarticulação da narrativa do lugar. O apagamento dessas casas corresponde a um duplo silenciamento: o da materialidade e o da história. A substituição da casa de madeira por grandes edifícios tem descaracterizado a estrutura da rua. Os lotes vazios também se tornam comuns, espalhados ao longo das quadras como que esperando fazer parte do lugar novamente. Espaços ausentes produzindo uma cidade que considera seu passado invisível. As memórias vão sendo apagadas em prol de um ideal maior, que entra em conflito com a dinamicidade e a multiculturalidade da sociedade presente no local.

Figura 6: Lotes com casas de madeira demolidas entre 2015 e 2024 e existentes.



Mapa da Vila Operária com a identificação das edificações que foram demolidas e as que ainda permanecem, comparadas por dois levantamentos realizados no ano de 2015 (equipe LAPHA/UEM) e 2023 (autores). Fonte: Silva, 2025.

Ainda assim, a moradia de madeira é um artefato visível. Ela é mais evidente nos percursos que se realizam no bairro do que como pauta de discursos entre os moradores, que só a relatam quando questionados sobre a relação que adquiriram ao longo de sua vida. Do contrário, o discurso é de forte discordância, ou até mesmo desprezo, principalmente por ter sido estigmatizada ao longo do tempo e ainda hoje ser percebida como uma arquitetura de menor valor. Fato é que a construção em madeira não condiz com as aspirações impostas para a cidade desde seus primeiros investidores. E em pouco tempo, essa arquitetura popular que ocupa a paisagem está sendo substituída em toda a cidade, e muito rapidamente no bairro da Vila Operária.

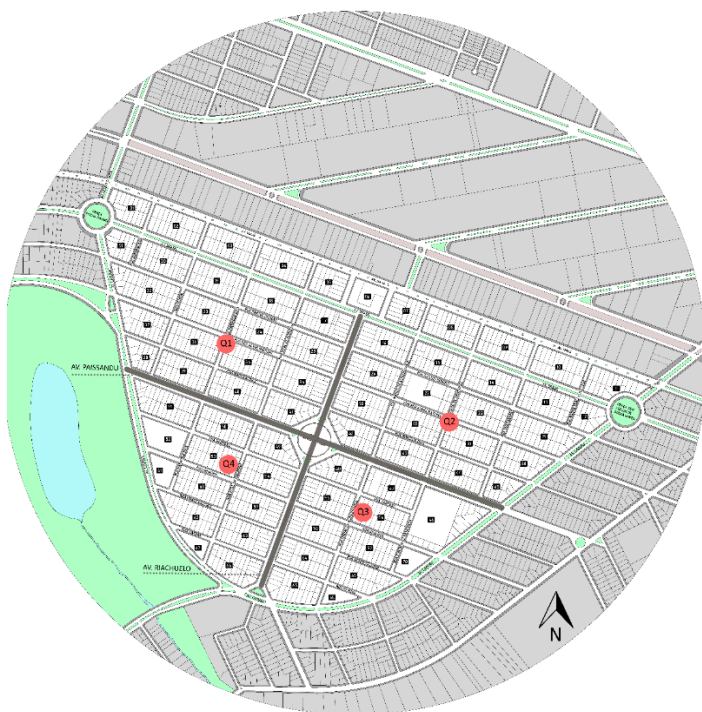
As perdas da arquitetura em madeira em um período de dez anos correspondem 142 exemplares, restando até 2024 apenas 114². As permanências por sua vez podem ser reconhecidas como vestígios do passado, materializadas na paisagem. Elas ajudam a estruturar a memória coletiva e a construir identidades, ainda que se considere o dinamismo da sociedade nesse processo. Na cidade em mutação, a permanência do artefato é fonte de cultura ao representar parte de uma história de construção coletiva. Desse modo, ocupa espaço no campo do patrimônio, portadora de subjetividades e relações de afeto e de cuidado da sociedade que a vivencia.

² O levantamento realizado pela Prefeitura Municipal em 2000 revelou a presença de cerca de 700 edificações em madeira (MARINGÁ, 2002, P. 50).

3.1 AS PERMANÊNCIAS NO QUADRANTE DOIS

Organizada em quatro quadrantes, bem demarcados por duas avenidas principais que se cruzam na Praça Regente Feijó, a Avenida Paissandu, que divide o bairro em norte e sul, e a Avenida Riachuelo, dividindo o setor leste e oeste (Figura 7), o bairro conserva a partir desses eixos estruturais certa estabilidade, mantendo-se igual ao projeto original. Essa demarcação territorial também sustenta diferentes discursos em relação ao imaginário do bairro. A parte sul carrega o estigma de uma região menos favorecida e de maiores preocupações sociais, mas que hoje já vem se revelando um ótimo setor para os empreendimentos de luxo. A parte norte, mais antiga, se divide entre os edifícios mais próximos ao centro e uma região tranquila, em que permanecem sentidos dos primeiros anos do bairro.

Figura 7 - A formação da Vila Operária em quatro quadrantes – os eixos estruturantes



Organização da Vila Operária prevista pelo Engenheiro Macedo Vieira no plano piloto para Maringá, com praças em seus cruzamentos de vias e áreas reservadas para o lazer. Fonte: Silva, 2025.

A leitura do espaço em quatro quadrantes permite perceber uma paisagem que se molda de acordo com as conexões que o pedaço faz com a cidade. Características classistas também dividiram o bairro em parte de “cima” e de “baixo”, separadas pela Avenida Paissandu, privilegiando uso e ocupação na região próxima às grandes avenidas e ao setor industrial, logo ao norte. Nesse mesmo sentido, a proximidade com o centro e com o parque do Ingá favoreceu o setor a oeste do bairro, onde percebe-se maiores transformações atualmente. A estrutura urbana, sua trama, mantida com poucas e lentas modificações, contém características persistentes como o predomínio da ortogonalidade e a definição dos limites, que constituem inevitáveis elementos de juízo para a compreensão e valoração dos ‘acontecimentos’ arquitetônicos (WAISMAN, 2013).

A permanência, na Vila Operária, é de uma estrutura física que coordena o crescimento e a mudança das tipologias, mas o que merece destaque é uma permanência simbólica, observada quando se preserva o muro em frente à moradia na altura de um peitoril, facilitando o contato entre os moradores, ao se reconhecer a conexão entre os moradores, que informam sobre os colegas, os amigos, onde moram, o que fazem, sempre fazendo uma conexão com o espaço, ressaltando o nome da rua ou indicando uma orientação a partir da praça, acima ou abaixo (referindo-se à praça Regente Feijó). Em relação à arquitetura em madeira, percebe-se que as reminiscências possuem uma conexão entre si, seja pela proximidade, pela propriedade ou, ainda, pelas relações construídas entre seus habitantes. Sem dúvida, essa arquitetura impacta o espaço urbano ao se estabelecer como conjunto (figura 8).

O segundo quadrante (figura 9) também se destaca pela presença de moradores de até quarenta anos que tem ocupado algumas destas edificações, disponíveis para aluguel. Já os proprietários, em sua maioria com mais de 60 anos, guardam na memória a história do bairro e suas dificuldades, valorizando ainda mais sua moradia, especialmente no segundo quadrante. As quadras que compõem o segundo quadrante convivem com permanências que configuram um conjunto exemplar no bairro. Os projetos aprovados para essas edificações informam sobre a regularização desse setor desde a década de 1950. Com 18 projetos aprovados antes dos anos 1970, reforçam a afeição ao local e à própria edificação, já que poucas delas foram demolidas dentro desse setor. Alguns dos projetos arquivados junto à Prefeitura Municipal apresentam detalhes como o tipo e tamanho de madeiramento a ser utilizado na edificação, como se observa na figura 10.

Figura 8 - Casas em madeira localizadas no segundo quadrante - permanências marcantes no bairro.



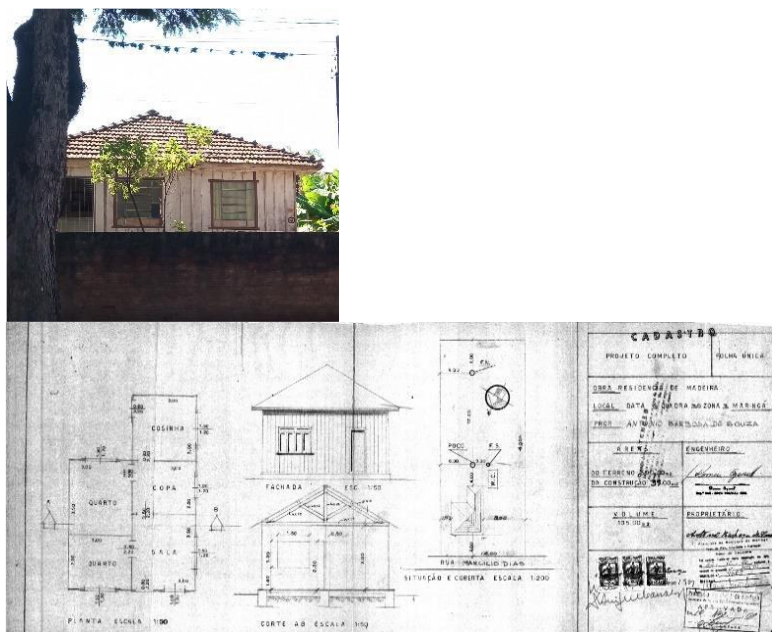
Edificações em madeira localizadas ao longo do segundo quadrante, identificadas pela quadra e pelo número do lote conforme planta cadastral da Prefeitura Municipal. Fonte: Silva, 2025.

Figura 9 - Segundo quadrante com identificação das edificações em madeira que permanecem.



Recorte do mapa da Vila Operária com destaque para o segundo quadrante, onde se encontram as quadras 26 a 45, importante setor de permanência da arquitetura em madeira anterior aos anos 1960. Fonte: Silva, 2025

Figura 10 - Quadra 30, lote n. 6, Rua Marcílio Dias.



Edificação com tipologia simples, de quatro águas, cujo projeto foi aprovado na Prefeitura em 1950. Fonte: Silva, 2025; Prefeitura Municipal de Maringá - Arquivo.

Na quadra 29, a edificação do lote 1 (Figura 11) hoje está alugada. Teve seu projeto aprovado em 1959, mas foi regularizado com outro proprietário em 1986. Hoje está em processo de negociação com o comércio localizado em frente, segundo conversa realizada com os proprietários no dia 29 de fevereiro de 2024.

11

Figura 11 - Edificação localizada na Avenida Laguna, quadra 29 - lote 1.



Edificação alugada datada de 1959. Fonte: Silva, 2015.

O segundo quadrante é portador de um conjunto significativo de moradias que recobram a arquitetura regional que foi se consolidando no norte do Paraná no início do século passado. Zani (2013), ao mapear a produção arquitetônica de Londrina fornece as bases para a compreensão inicial dessa arquitetura. Os diferentes tipos, organizados a partir de sua planta, da geometria do telhado e da composição das fachadas, revelam a produção artesanal dessa moradia e a importante atuação dos marceneiros locais. A Vila Operária se especializa, explora a madeira através das grandes varandas e dos

detalhes do telhado, coloca a edificação em destaque nos grandes terrenos de 600 metros quadrados. O quadrante dois ainda mantém essa chama inicial reverberando nos caminhos da Marcílio Dias e da Neo Alves Martins. Essa região tem preservado a altura de até dois pavimentos, que marcou o início do ciclo da madeira na construção na região. Destaca-se pela ocupação do lote com mais de uma casa, ampliando as relações de vizinhança e os cuidados com o jardim, com a calçada e com a própria faixa de circulação de veículos. A vegetação segue compondo o cenário vernacular que permeava o bairro antigamente e o resguarda, ainda que por pouco tempo, das mudanças atribuídas ao mercado imobiliário. O papel histórico que assumem as edificações em madeira e os impactos que têm promovido seu desaparecimento, reforçam a importância do quadrante dois, que contém em sua estrutura exemplares de diferentes épocas, consolidando um espaço com memórias de todos os tempos.

3.2 A MEMÓRIA E AS CASAS DE MADEIRA

A Vila Operária é palco, personagem e enredo do tempo presente no qual se constrói a narrativa da permanência. Seu espaço, sua trajetória, seus atores sociais e seu cotidiano se organizam no entrelaçamento do tempo físico com o tempo da memória. É pelo ato de narrar que se coloca à vista (RICOEUR, 2021, p. 155) uma realidade onde a arquitetura em madeira se faz presente, protagonista, se torna visível em meio à estrutura planejada e se consolida no relacionamento com a cidade em suas diferentes camadas. A memória evocada a partir das reminiscências da Vila Operária é aquela viva, latente, como já antecipou Pierre Nora (1993):

(...) a memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações; é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente (NORA; KHOURY, 1993, p. 9).

Ao recorrer aos lugares de memória, Nora (1993) afirma que eles não são estáticos e encerrados em si mesmos, mas fornecem as camadas que se apresentam para um despertar da vontade de memória, desejosa de conservação. Neles se revelam esquecimentos, retomados através de seus rastros. São camadas organizadas a partir das dimensões materiais, simbólicas e funcionais que vão sendo reveladas e que permitem compreender ao mesmo tempo a produção social de memórias como fonte para a construção desse conhecimento (GONÇALVES, 2012, p.34). Em cada camada descoberta é possível rememorar o que um dia foi e que ainda ressoa.

Tais lugares, os lugares de memória, não emergem espontaneamente: são frutos de escolhas sociais e políticas que se organizam em torno da identidade do habitante no presente. Eles não são a memória em si, mas os vestígios organizados e ritualizados para que a memória continue possível, investidos de aura simbólica, sustentados por rituais e práticas sociais que dão forma à identidade dos grupos. Na Vila Operária, eles operam a partir do conjunto de apagamentos e reminiscências da cidade de madeira, como uma expressão de representatividade que resiste aos imperativos de

modernização. Desse modo, são um convite para escutar o que resta, recuperando o que um dia já foi e permitindo reconhecer nas construções que desafiam o tempo as memórias que as mantêm integrantes de uma cotidianidade viva e ativa no interior do bairro.

Ao se refletir sobre resiliência e fragilidade das construções em madeira como expressões de uma memória urbana e como testemunhos de uma materialidade que desafia os regimes locais de esquecimento, busca-se compreender a cidade como uma construção temporal e social em disputa, onde a preservação do passado não é garantida, mas continuamente tensionada pelas forças que moldam o presente. Pensar a madeira como um problema do tempo é também pensar nas formas pelas quais a cidade organiza suas memórias. Paul Ricoeur (2007) coloca a memória como vulnerável ao esquecimento reforçando que o exercício de lembrar implica escolhas, seleções e, muitas vezes, silenciamentos.

A memória, longe de ser um acúmulo neutro de lembranças, é uma construção marcada por relações de poder. É nesse ponto que a madeira, enquanto testemunho material, torna-se reveladora: sua presença ou ausência nas cidades não depende apenas da resistência física do material, mas das disputas simbólicas que determinam o que deve permanecer visível — e, portanto, lembrado.

Esse conjunto urbano, delimitado pela Avenida Laguna, o Parque do Ingá e a Avenida Mauá, é, portanto, portador de valores que reforçam a representatividade do bairro para seus moradores e, também, para a própria cidade de Maringá. Na Vila Operária, o cotidiano e os afazeres se refletem no movimento que se observa nas ruas, nas relações de vizinhança e nas apropriações dos espaços públicos, calçadas, praças e canteiros centrais. Os pontos de referência, normalmente comércios, estão presentes no bairro desde sua fundação e são eventualmente citados em conversas informais como âncoras da história do bairro. Esses padrões de ocupação do território, reconhecidos também através da arquitetura em madeira revelam a própria comunidade local e fortalecem o sentido de existência da Vila Operária (SILVA; SILVA, 2024).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XXI, as virtudes simbólicas atribuídas a Maringá desde sua fundação continuam sendo mobilizadas como fundamento para intervenções estratégicas na paisagem urbana. Na escala intraurbana, essas virtudes são apropriadas por agentes políticos e econômicos como legitimadoras de processos de valorização da terra urbana, em sintonia com os interesses do capital imobiliário.

A Vila Operária se desenvolve nesse contexto. O bairro se constituiu como um espaço de grande potencial para o avanço da valorização do mercado, que já conta com inúmeros agentes de porte nacional e internacional. Em contrapartida, a vida local que se organizou desde o início é potente e percebida nas ruas que ainda preservam

características de sua fundação, como as casas em madeira, o comércio, além dos cuidados entre o público e o privado, como a preservação dos quintais nos grandes lotes e a vegetação nas calçadas, largas e pavimentadas.

Depoimentos dos moradores locais reforçam seu caráter de acolhimento e de pertencimento, só evidente nessa perspectiva do encontro, da conversa no portão ou da recepção na própria moradia. Para Dona Lenir, investir em uma casa na Vila Operária era a forma de conseguir evitar o aluguel, mesmo que fosse a uma casa pequenininha que logo seria ampliada.

Só tinha uma casinha de madeira pequenininha e nós fizemos uma emenda e moramos nessa casinha. Tem que ver que felicidade. Você não ter nada e depois morar no que é seu, perto do centro, pra ir trabalhar. Eu que era uma das mais velhas que insisti pra comprar. Nós não podemos só pagar aluguel não!

Comprada pelo pai com sua ajuda nos anos 1970, a moradora só saiu da casa quando se casou para morar em Campo Mourão, mas voltou para cuidar da mãe até ela falecer, e hoje continua morando na casa na Rua Marcílio Dias, uma das poucas resistentes próxima ao parque do Ingá. Os pais de Dona Lenir vieram do interior de São Paulo a convite de alguns familiares que mudaram para o local. Os cuidados com a casa são diários e a conservação é mantida por ela com a ajuda dos filhos.

No bairro, esses lugares de memória - conjunto de elementos que não apenas constituem o cenário urbano da cidade que outrora fora de madeira, mas também representam uma identidade visual e coletiva do bairro e de seus sujeitos - desempenham um papel fundamental na evolução e funcionamento do corpo comunitário, pois consolidam espaços particularmente ligados às lembranças. A possibilidade de se conectarem de maneira direta às tradições ou valores individuais e coletivos é uma realidade, não obstante seja uma escolha e não uma obrigatoriedade. No contexto latino-americano, em que a descontinuidade revela o descompasso entre a arquitetura e o urbanismo ao longo da formação histórica das cidades, a tentativa de valorar o fragmento representado pela arquitetura em madeira, com “finos cortes produzidos na espessa rede de circunstâncias” (WAISMAN, 2013) permitiu reconstruir partes de uma identidade que por vezes também não se consolidou.

Mas a arquitetura que aqui se dispôs a apresentar está presente e viva, e pode ser incorporada à história da cidade de Maringá pois esta também foi, um dia, uma cidade de madeira. No contexto de uma cultura regional, essa produção vernácula-popular continua sendo fundamental para a construção do conhecimento, “como processos de saber, projetar, construir e morar que são dinâmicos” (Vellinga, 2022, p. 27), além de proporcionar relações afetivas entre moradores, visitantes e a comunidade. Essa arquitetura explorou o material disponível, organizou uma indústria de manufatura da matéria-prima e, a partir dos saberes da técnica e do manuseio dos instrumentos, transformou-se em moradia. Suas características estéticas e sustentáveis são mantidas por meio de um cuidado recorrente, o que aproxima ainda mais o morador e a

habitação. É surpreendente passar pela rua onde uma casa, que antes estava à mercê do tempo, tenha passado por cuidados como uma nova pintura - a rua ganha novo brilho.

7. AGRADECIMENTOS

Agradecimento ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UEM/UEL, aos alunos do IFPR - Campus Umuarama, ao meu orientador prof. Dr. Ricardo Dias Silva.

8. REFERÊNCIAS

SANT'ANNA, Márcia; REZENDE, Marco Antônio Penido de (org.). **Olhares contemporâneos sobre arquitetura vernácula / popular**. 1. ed. Salvador: EDUFBA; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. 444 p. ISBN 978-65-5630-337-6.

GONÇALVES, J. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. **Historiae**, [s. l.], v. 3, p. 27–45, 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [s. l.], v. 17, p. 11–29, jun. 2002. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>.

MARINGÁ. Memória dos bairros: Vila Operária. Prefeitura do Município. **Secretaria da Cultura**. Gerência de Patrimônio Histórico. Maringá, 2002.

NORA, P.; KHOURY, T. Y. A. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [s. l.], v. 10, n. São Paulo (10), 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.

RICOEUR, P. **A Memória, a História, O Esquecimento**. [S. l.]: Editora da Unicamp, 2007 (Ed. brasileira).

RICOEUR, P. Arquitetura e narrativa. **Geograficidades**, [s. l.], v. 11, p. 20–30, 2021.

SILVA, A. B. S.; SILVA, R. D. Arquitetura vernacular em madeira na Vila Operária de Maringá/PR. **Revista ARA**, [s. l.], v. 16, n. 16, p. 92–121, 31 jul. 2024. DOI 10.11606/issn.2525-8354.v16i16p92-121.

VELLINGA, M. Uma ou duas lições da arquitetura vernácula em tempos de apocalipse moderado. In: SANT'ANNA, Márcia; REZENDE, Marco Antônio Penido de (org.). **Olhares contemporâneos sobre arquitetura vernácula / popular**. 1. ed. Salvador: EDUFBA; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2022. 444 p. ISBN 978-65-5630-337-6.

WAISMAN, M. **O interior da história**: historiografia arquitetônica para uso de latinoamericanos. São Paulo: Editora Perspectiva coleção “Estudos” (número 308), 2013.